

Parcerias com a comunidade do Jardim Novo Mundo

Célia Maria Ferreira da Silva Teixeira¹

resumo

O presente trabalho trata do relato de experiências em Psicologia Comunitária, desenvolvidas no bairro Jardim Novo Mundo, constituindo uma parceria UFG - unidade de Saúde CAIS do Jardim Novo Mundo e Associação de Moradores e Amigos do Jardim Novo Mundo. A intervenção objetiva o desenvolvimento das pessoas como sujeitos históricos, capazes de criar espaços relacionais e potencializar ações individuais e coletivas, através da identificação de recursos existentes na comunidade do bairro. Como estratégia de trabalho foram realizadas reuniões multifamiliares, com perspectiva voltada para a prevenção e com ênfase nas relações sociais e na metodologia psicodramática, que alia a ação à expressão verbal dos participantes.

Palavras-chave: Psicologia Comunitária, reunião multifamiliar, comunidade.

justificativa para o trabalho

Este trabalho surgiu em decorrência de dois aspectos: primeiro, como resultado da exigência de elaboração do trabalho final da disciplina Psicologia Comunitária, cursado pela autora no Doutorado em Psicologia da Universidade de

Brasília (UnB) e, segundo, como uma forma de atender o desejo de implementar ações conjuntas entre NECASA e CAIS do Jardim Novo Mundo, que pudessem estreitar ainda mais os vínculos existentes entre essas duas instituições, por meio do programa de adolescentes (uma extensão do NECASA).

bases de sustentação teórica

As bases de sustentação teórica, que alimentam o trabalho encontram-se assentadas no conhecimento de um novo pensar sobre o homem multidimensional, resultado de interações.

A proposta, cujo caráter prático encontra-se fundamentada na perspectiva do trabalho em comunidade, privilegia a construção grupal e tem como pressupostos a epistemologia da complexidade (Morin, 1996), a prática de redes sociais (Sudbrack, 1996) a família vista como um sistema (Minuchin, 1982) que opera em contextos sociais, em que cada um tem seu papel e sua responsabilidade na manutenção da dinâmica social e na saúde mental de seus membros.

A utilização da metodologia psicodramática (Moreno) no contexto da comunidade, promove e facilita as expressões de espontaneidade, criatividade

e inovação nas interações, seguindo as etapas de uma sessão psicodramática: aquecimento, dramatização e compartilhamento.

experiência

Com base nesses pressupostos teóricos e metodológicos, o trabalho desenvolve-se, em todos os momentos, dentro de uma perspectiva participativa, buscando a compreensão sistêmica, com foco nas relações existentes, nos acontecimentos e suas ligações com os contextos em que ocorrem.

objetivos

- Sensibilizar os profissionais para as possibilidades de realização de ações integradas num contexto comunitário.
- Identificar recursos individuais e coletivos na comunidade do bairro.
- Potencializar ações individuais e coletivas, visando o

desenvolvimento das pessoas como sujeitos históricos, capazes de criar espaços relacionais.

metodologia

Como estratégia para o desenvolvimento do trabalho comunitário foi escolhida a reunião multifamiliar, por se entender que essa modalidade de trabalho constitui a criação de um espaço relacional, em que experiência e vivência adequadas podem se ampliar, possibilitando avanços nas interações e nas reflexões pessoais (Costa, 1997).

¹Professora da Faculdade de Educação e Coordenadora do Projeto/ UFG. Outros participantes do projeto: Cirlene Maria da Silva – Assistente Social – NECASA/ UFG; Tânia da Silva Ferreira – Professora ICB/ NECASA; Ceres Cândido de Souza – Psicóloga – Unidade de Saúde CAIS do Jardim Novo Mundo; Dalvani R. da Silva Ponciano – Diretora da Unidade de Saúde CAIS do Jardim Novo Mundo; Paulo Roberto Campos Crespo – Médico Pediatra – CAIS Jardim Novo Mundo; Eliane Olímpico de S. Rocha – Médica Pediatra CAIS Jardim Novo Mundo; Cláudia Batista Costa – Enfermeira – CAIS Jardim Novo Mundo; Ana Maria Oliveira – Professora do IPTESP/ UFG; Mariza Maia – Presidente da Associação de Moradores e Amigos do Jardim Novo Mundo; Jane Maria – Coordenadora Pedagógica da Escola Agenor Cardoso de Oliveira e da Associação de Moradores e Amigos do Jardim Novo Mundo; Cláudia da Silva Oliveira – estudante de Medicina/ UFG.



plano de intervenção

Primeira fase (diagnóstico exploratório)

Permitiu:

- A obtenção de informação sobre a comunidade do bairro (características da população a ser beneficiada; conhecimento das entidades de classes existentes no bairro; identificação inicial das necessidades dos destinatários do projeto);

- Sensibilizar os profissionais do CAIS para as possibilidades de execução de um projeto comunitário;

- Estabelecer ações integradas, conjuntas com profissionais do NECASA, CAIS do Jardim Novo Mundo e representantes da Associação de Moradores do bairro.

A segunda fase (execução)

A partir da existência de um grupo de trabalho (com a participação de várias instâncias de bairro, como a direção da escola da Associação de Moradores, profissionais do CAIS e elementos do NECASA), foi planejada a realização das reuniões multifamiliares. O grupo decidiu, então, realizar as reuniões multifamiliares no espaço da escola da Associação de Moradores, com intervalos quinzenais, no período da noite, para facilitar o comparecimento das famílias. A elaboração e confecção do convite para a primeira reunião ficou a cargo do grupo. A partir da discussão conjunta, foi escolhida a ilustração e o texto para o convite. Um representante da

Associação de Moradores trouxe a idéia para ilustração (arte) e o texto foi uma co-construção dos participantes do projeto.

Assim, na primeira reunião, foram levantadas, juntamente com todos os participantes as necessidades e expectativas para esse tipo de trabalho. Com a presença de 50 pessoas, a reunião seguiu os passos planejados, trazendo informações importantes e concretizando a idéia de que o ser humano é capaz de auto-organizar-se, capaz de produzir alternativas frente às incertezas (Morin, 1996).

A participação dinâmica dos pais, filhos e professores trouxe a certeza da possibilidade de se construir um trabalho em rede, buscando resgatar funções e competências existentes, mas, às vezes, desconhecidas.

fragmentos da primeira reunião

Na primeira reunião, foi dado foco inicialmente aos aspectos positivos dos pais, professores e filhos, para em seguida, estes ancorarem-se nas preocupações. Isso fez surgir muitos sentimentos de surpresa diante dos conteúdos que eram expressos, permitindo-nos o conhecimento da dimensão relacional e o significado das pessoas e do momento em que se encontravam naquele determinado ciclo de vida. Os adolescentes apontaram como coisas boas: o bairro, a casa, a família, poder olhar para as garotas de sua idade, etc. Quanto às preocupações, esses adolescentes sinalizaram com sabedoria, a inquietação com os avós, com os vícios dos pais, a relação com alguns professores e a solidão. Da parte dos pais e

educadores as preocupações residem em questões vinculadas à educação dos filhos: violência, drogas, problemas de relacionamento em casa, brigas com os irmãos, etc.

A partir da identificação do nível de preocupação (não se usou com os pais, filhos e professores o termo problema) foram planejadas as reuniões seguintes.

Obs.: A primeira e a terceira reunião foram registradas e filmadas

Terceira fase (avaliação)

A avaliação ocorre durante todo o processo de execução do projeto. A equipe avalia os objetivos, os efeitos e as dificuldades que podem estar interferindo no alcance das metas previstas.

Após cada reunião multifamiliar, ocorre o processamento da reunião, momento em que profissionais e representantes da comunidade se auto-avaliam quanto à participação na reunião e quanto à construção de alternativas metodológicas, com vistas aos novos arranjos que se fizerem necessários face às interferências externas.

resultados

Embora o projeto de intervenção com reunião multifamiliar não tenha sido encerrado (previsão para final de novembro) já se percebe a riqueza da experiência, cujos pontos positivos permitem ressaltar:

- A reunião multifamiliar tem-se mostrado um local de vivência democratizante, onde as pessoas encontram espaço e reforço para suas expressões, como a obtenção de alívio para o sofrimento dos pais de crianças e adolescentes.
- A oportunidade de: aprendizado pessoal – a escutar a compartilhar suas idéias sobre educação dos filhos; aprendizagem envolvendo a família – a importância da presença nas reuniões dos maridos, das esposas, das pessoas de casa; aprendizagem pedagógica para os profissionais, mediante a aquisição de um novo modelo de trabalho relacional e para as famílias, mediante a

obtenção de informações sobre o papel da família, sua função e competência como educadores e parceiros da escola no processo educativo de crianças e adolescentes.

- O momento que os pais têm para compartilharem experiências, possibilitando avanços nas interações e reflexões pessoais, como foi o caso de uma mãe, que ao vivenciar o trabalho onde se discutia a noção do ciclo vital familiar, exclamou: "ah, agora eu entendo por que minha filha saiu de casa." (o *insight* ocorreu quando ela tomou conhecimento da fase saída dos filhos, um momento pelo qual a família passa). A mãe pôde compartilhar suas ansiedades, tristezas e preocupações vividas. A experiência possibilitou que ela integrasse esse novo conhecimento à sua vida.

- A aprendizagem obtida através da experiência do trabalho co-construído entre profissionais de diferentes áreas do saber (médicos, psicólogos, assistentes sociais, professores e estudantes) comprova que é possível utilizar conhecimento interdisciplinarmente. A metodologia psicodramática possibilitou ainda aos profissionais o treino do papel de ego-auxiliar em situações trazidas pelos protagonistas do grupo maior (pais), evidenciando que procedimentos sociodramáticos são capazes

de exteriorizar e objetivar os fenômenos de uma comunidade. A possibilidade de se trabalhar através do desempenho de papéis relacionais (pais e filhos) clarifica os padrões interacionais que se encontram pautados pela cultura e sociedade.

conclusão

- A proposta de reunião multifamiliar evidencia a possibilidade de se trabalhar sob enfoque participativo (UFG, CAIS e Comunidade), em que as diferenças (papéis profissionais/ pessoas do bairro) promovem mudanças e a riqueza de criatividade e da espontaneidade traz inovação à vida, favorecendo o resgate das possibilidades de pessoas as reconhecerem seus recursos e competências para a resolução de seus problemas.
- O enfoque trazido pela psicologia comunitária faz com que o profissional saia de seu contexto protegido (NECASA/CAIS), buscando associar-se a não-profissionais e adentre os contextos de uma comunidade menos favorecida economicamente, tornando possível trabalhar numa perspectiva também de prevenção e cumprir um papel de transformador social.
- Os desafios advindos da precariedade social e da privação econômica são bons motivos para que a universidade procure integrar a extensão, o ensino e a pesquisa. Indiscutivelmente, à medida em que se integra

saberes e práticas, afasta-se da perspectiva individual para a criação dos trabalhos coletivos, como é o caso daqueles realizados em comunidades, entendendo-se que as pessoas são capazes de re-criar suas histórias. X

referências bibliográficas

- COSTA, Liana F. *Reuniões multifamiliares: uma proposta de intervenção em Psicologia Clínica na comunidade*. São Paulo, 1997. Tese (Doutorado)_Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo.
- DABAS, Elina & NAJMANOVICH, Denise. *Redes: el lenguaje de los vínculos. Hacia la reconstrucción y el fortalecimiento de la sociedad civil*. Buenos Aires: Paidós, 1995.
- MINUCHIN, Patrícia, COLAPINTO, Jorge & MINUCHIN, Salvador. *Trabalhando com famílias pobres*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- MINUCHIN, Salvador. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- MORENO, Jacob Levy. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MORIN, Edgar. *Epistemologia da complexidade*. Em *Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade*. In: D.F. Schnitman (Org.). Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- PAKMAN, Marcelo. *Desenhando terapias em saúde comunitária: poética e Micropolítica dentro e além do consultório*. Nova Perspectiva Sistêmica, ano VIII v. 13, p. 6-25.
- QUINTAL DE FREITAS, Maria de Fátima. *Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à Autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SLUZKI, Carlos E. *A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.
- SUDBRACK, Maria F. O. *Construindo redes sociais: metodologia de prevenção à drogadição e à marginalização de adolescentes de famílias de baixa renda*. In: Rosa Maria de Macedo (Org.). *Família e comunidade*. São Paulo: Associação Nacional de Pesquisas e Pós-Graduação em Psicologia, 1996.